



# COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v.18, n.2, p. 129-148, jul.-dez. 2023

## O destino da heroína refugiada: animação e instrumentalização da violência e morte em corpos migrantes

*El destino de la heroína refugiada: Animación e instrumentalización de la violencia y la muerte en los cuerpos de los migrantes*

*The fate of the refugee heroine: Animation and instrumentalization of violence and death in migrant bodies*

**Leonardo COSTA**

Doutorando e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2021), especialista em Docência para o Ensino Superior (Univali, 2022) e bacharel em Comunicação Social - Jornalismo (Univali, 2014).

E-mail: leojcosta@outlook.com

**Regiane RIBEIRO**

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)/Professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: regianeribeiro5@gmail.com

*Enviado em: 11/12/2023*

*Aceito em: 22/12/2023*

## RESUMO

A presente pesquisa investiga a representação da figura do refugiado na ficção animada por meio da personagem Halo, da série de 2019 *Justiça Jovem: Forasteiros* e sua relação com a violência e a morte. No âmbito teórico, reúne apontamentos sobre representação, identidade e orientalismos, além de discussões sobre a presença de imigrantes e refugiados na mídia. A pesquisa tem caráter qualitativo e adota como técnica a Análise Crítica de Narrativa. Entre os resultados, salientou-se que a narrativa aciona uma ritualização da violência e morte contra o corpo migrante; reforça aspectos orientalistas; mas, em contraste, oferece resistências e rompimentos a esses aspectos por meio da centralidade da personagem na história.

**Palavras-chave:** animação; audiovisual; representação; migrações; refugiados

## RESUMEN

Esta investigación investiga la representación de la figura del refugiado en la ficción animada a través del personaje Halo, de la serie *Justiça Jovem: Forasteiros* de 2019 y su relación con la violencia y la muerte. A nivel teórico, reúne notas sobre representación, identidad y orientalismo, así como discusiones sobre la presencia de inmigrantes y refugiados en los medios de comunicación. La investigación es de naturaleza cualitativa y adopta como técnica el Análisis Narrativo Crítico. Entre los resultados, se destacó que la narrativa desencadena una ritualización de la violencia y la muerte contra el cuerpo migrante; refuerza aspectos orientalistas; pero, por el contrario, ofrece resistencia y alteración de estos aspectos a través de la centralidad del personaje en la historia.

**Palabras-clave:** animación; audiovisual; representación; migraciones; refugiados.

## ABSTRACT

This research investigates the representation of the refugee figure in animated fiction through the character Halo, from the 2019 series *Young Justice Outsiders* and its relationship with violence and death. On a theoretical level, it brings together notes on representation, identity and orientalism, as well as discussions on the presence of immigrants and refugees in the media. The research is qualitative in nature and adopts Critical Narrative Analysis as a technique. Among the results, it was highlighted that the narrative triggers a ritualization of violence and death against the migrant body; reinforces orientalist aspects; but, in contrast, it offers resistance and disruption to these aspects through the centrality of the character in the story.

**Keywords:** animation; audiovisual; representation; migrations; refugees.

## Introdução

Os fluxos migratórios são reproduzidos nos meios de comunicação com imagens que se valem das diferentes técnicas e abordagens para dar enfoques específicos a cada grupo de indivíduos. Num contexto midiático global, no qual as identidades já são deslocadas (Hall, 2015; Woodward, 2014), o refugiado, além do preconceito cultural que enfrenta em um novo território, adentra ainda outro nível de descentralização identitária, reforçado por textos híbridos que, historicamente, posicionam seus corpos em categorias de um “outro” estrangeiro indesejável.

Os estudos nacionais de Comunicação vêm investigando esses fenômenos com maior ênfase na última década. A relação da área com os movimentos migracionais aparece principalmente nos programas com linhas de pesquisa com cunho sociocultural (Elhajji & Escudero, 2017). Pesquisadores como Duarte (2005), Gayoso (2013) e Fernandes (2015), observam as diásporas latino-americanas sob o viés comunicacional. A eles, pode-se somar ainda Guimarães (2018), com análise de discursos de brasileiros sobre haitianos nas redes sociais; e Cogo (2014), que explora a Comunicação como elo entre as migrações e gênero. No âmbito do cenário ficcional, a telenovela *Órfãos da Terra* (2019) centraliza a pesquisa de Vieira, Brignol e Curi (2021), que busca compreender a representação de migrantes como contribuição para o debate das migrações; e também a investigação de Castro e John (2023), que articula vilania, gênero e orientalismo na identificação de elementos que pavimentam o caminho de uma personagem muçulmana e refugiada. Por fim, com foco na ficção animada, a pesquisa de Costa e Ribeiro (2020), é um ponto de partida para a análise de personagens refugiados, já que a investigação dos autores foi a única encontrada que já trouxe alguns pontos relacionados ao mesmo objeto aqui discutido, contudo, com ênfase em questões de gênero, raça e islamofobia.

Ao observar tais investigações, percebeu-se em comum três aspectos mais salientes: o foco em pesquisas de recepção (1); pesquisas que observam contextos migratórios e as redes sociais como ferramenta de articulação (2); e uma ênfase nos processos identitários e de pertencimento em comunidades latino-americanas (3). Essa observação trouxe ainda um quarto ponto: a escassez de estudos nacionais que tenham foco na mídia ficcional para além da telenovela. Optou-se aqui, então, por observar Halo, uma personagem refugiada ficcional de uma série animada e orientar a investigação pelo questionamento: Como se constroem os sentidos sobre corpo e morte na figura refugiada de Halo, da série *Justiça Jovem – Forasteiros?* Para chegar nos resultados, orienta-se pela noção de que a ficção se encontra no âmbito

comunicacional diário, que perpassa a vida de todos os envolvidos nos processos migratórios enquanto um “dispositivo social e político que não pode ser dissociada de nenhuma das etapas características da trajetória migratória” (Elhajji & Escudero, 2017, p.189). Portanto, adentra-se a representação como um problema que toma parte da ordem social e suscita a necessidade da Comunicação de estudá-la.

## 1. Animação e representação da vida e da morte

Atualmente, encontra-se nas animações elementos fantásticos que estão ligados a um formato que permite múltiplas possibilidades de se constituir noções sobre o “outro”. Para dar movimento à famosa “ilusão de vida”<sup>1</sup> em personagens e cenários, a animação tem técnicas próprias e explora a representação por meio destas. Contudo, Denis (2010, p.55) considera que o conceito de ilusão de vida, atribuído ao sucesso dos filmes de Walt Disney e seu realismo, sempre foi limitador, pois “tende a fazer crer que o animador apenas procura recriar servilmente o real (a vida)”. Ademais, não somente a animação tem a ver com trazer à vida e ao movimento, ela corresponde também a “trazer à morte e ao não movimento [...] pois o objeto tem dois aspectos, inextricavelmente misturados: a metamorfose do inanimado ao animado e a metamorfose do animado ao inanimado” (Cholodenko, 2017, p. 217). É justamente essa interpretação que aqui opera como um dos pontos centrais para a análise: a passagem da vida à morte no corpo animado migrante.

Para Cholodenko (2004, p.101), luto e despedida, ligados à imagem (in)animada, são resultado, portanto, desse efeito do impossível, onde o luto é um “luto recusado”. De tal maneira, dentro da animação, é o fantástico, o impossível e o que não teríamos coragem de encarar a olho nu que se tornam frutos de um campo estético ancorado na linguagem para (re)produzir novas imagens, inclusive imagens de morte.

Portanto, animar é uma forma de representar também o espectro, ou seja, o que conduz o interior do indivíduo em um composto que une “o estranho, o retorno da morte como espectro, o luto sem fim e a melancolia e a incorporação críptica” (Cholodenko, 2004, p.107). Cholodenko (2017, p.220) aponta também que o sujeito animado pode ser trazido à vida, tanto quanto à morte, apesar desse aspecto sombrio não ser tão comum quanto o anterior.

---

<sup>1</sup> Termo que se tornou referência ao ato de animar após a publicação do livro *The Illusion of Life*, em 1981.

Paralelo a isso, aparecem os apontamentos sobre representação criados pelas práticas de significação e sistemas culturais e simbólicos midiáticos. Para entender o contexto da representação no objeto animado, autores como Woodward (2014) e Hall (2016), por exemplo ajudam a observar a representação como um fenômeno que permeia a mídia e produz noções e interpretações múltiplas. Isso é feito por meio de recortes, imagens parciais, que podem circular como estereótipos, por exemplo. São imagens generalizadas sobre indivíduos ou grupos sociais como os refugiados, que não são cristalizadas, mas estão em recorrente transformação, ruptura ou disputa. Silva (2016, p.30) faz a conexão pontual sobre a relação entre representação, migração e refúgio quando aponta que no Ocidente “essa generalização é um prato cheio para a mídia conservadora dar o rótulo de parasitas sociais aos refugiados”.

Assim, transformações e negociações no audiovisual às quais a representação está atrelada fazem com que esse elemento seja sempre multifacetado. Ressalta-se de antemão que o processo de representação está ainda ligado ao verossímil, ou seja, ao mais próximo do real possível sem, de fato, ter a obrigação ou capacidade de representá-lo em sua totalidade. Metz (2019) indica o verossímil como uma “redução do possível”, expondo ainda que este sofre com as variações de local, época, censura, etc. alterando seu conteúdo, não seu estatuto de verossímil. Logo, atentar para essas imagens exige um olhar localizado em um contexto que aponta para representações e suas potencialidades na ficção criadas dentro de limites que vêm de formatos, linguagens, gêneros audiovisuais, etc., atravessados pela lógica da verossimilhança.

## 2. Refugiados, imigrantes e estrangeiros

A figura do refugiado está comumente ligada a alguns elementos que percorrem sua jornada e se constroem no discurso midiático indo além do seu papel social e político. A morte, a indocumentação, o fugitivo de guerra, das catástrofes ambientais, de governos autoritários e da fome e da miséria assombram a imagem vinculada às representações de refugiados.

a migração internacional é um fenômeno irreversível e o mundo pós-pandemia deve reforçar o processo migratório, em especial da migração forçada e do refúgio, por conta de conflitos, da fome e da piora da qualidade de vida em muitos países. (Elhajji & Paraguassu, 2022, p.143)

O deslocamento humano é tema recorrente nas observações de Simmel (1983), que pontua o estrangeiro refugiado ou imigrante como um sujeito resultante das lógicas da

modernidade. Suas características seriam de um indivíduo ambivalente e produtor de conflitos internos, que une proximidade e distância, envolvimento e indiferença, inclusão e marginalidade em um processo de exclusão que define, ao mesmo tempo, qual será seu grau de inclusão. Bauman (1999), corrobora com a ideia de que esse estrangeiro sofre com a ordem moderna do mundo, a qual alimenta e reitera as diferenças diariamente em certos contextos, ao mesmo tempo em que reforça um discurso de uma sociedade unida, diversa e multicultural.

Por meio de Hall (2016), é possível também compreender a imagem desses corpos migrantes como representação ligada a um âmbito político e jurídico, mas, sob a ótica do autor, há ainda neles também um sentido simbólico, de uma representação que tira a humanidade e torna tal sujeito um objeto passível de troca, de morte e de ocupar um papel que acione sentidos e emoções como pena, aversão e desconfiança.

Um dos estereótipos mais comuns do refugiado - o de alguém “diferente de” - está ligado ao conceito de orientalismo, proposto por Edward Said (2007), no qual entende-se o Oriente como um espaço construído discursivamente pelo Ocidente. Nesse local, o “eu” e o “outro” (oriental) estão em constante comparação, sendo uma referência e outro exceção. Essa dinâmica, segundo Said (2007), se dá por construções culturais permeadas pela política, por intenções coloniais e pela força que o Ocidente tem de falar por e representar o “outro oriental”, sem dar espaço para que esse possa representar a si mesmo. Sendo o orientalismo uma construção simbólica, mas também material, ela se apoia em meios como o jornal, o cinema e a literatura para reforçar o imaginário do oriental violento, diferente, estranho ou do culturalmente atrasado, por exemplo.

No âmbito audiovisual que aqui toma frente, ressalta-se a observação de Pontes (2012), que chama ainda atenção para a construção de um discurso midiático que coloca recorrentemente o migrante como uma figura no masculino, inviabilizando muitas vezes a imagem da migração das mulheres. No imaginário coletivo orientalista, os refugiados são também representados como figuras excedentes que, nas palavras de Di Cesare (2020, p.145), desafiam as instituições nacionais e “são uma ameaça para nossos trabalhadores, para os jovens e os desempregados. ‘Eles’ que colocam em risco a nossa identidade. Porque ‘Eles’ são diferentes de ‘nós’ em tudo”. Assim, a migração e o refúgio são um desvio a ser interrompido, uma “anomalia a ser abolida” (Ibid. p.13).

Pensar nas violências físicas e simbólicas que esses grupos sofrem resgata o pensamento de Giorgio Agamben (2013), que contribui com a discussão quando cria o

conceito de “vida nua” e o atribui a esses indivíduos. Para o autor, a vida de refugiados não tem a mesma relevância política e social que a do homem branco europeu, por exemplo. Logo, são vidas mais passíveis de morte e violência. Ruiz e Molina (2022) fazem uma associação ao conceito do autor ao aproximar sua análise à realidade dos migrantes e dizer que tal vida é

reduzida ‘apenas’ à vida natural, à sua corporeidade, ao seu caráter biológico. Vida sem proteção jurídica, abandonada à sua própria ‘sorte’. Pode-se afirmar, sem erro algum, que essa vida nua é, no contexto atual, entre outras, a vida dos apátridas, dos refugiados, dos que se deslocam forçadamente para salvar suas vidas. (Ruiz & Molina, 2022, p.4).

Interpelados pela violência, suas vidas são negociáveis e, assim, as noções de luto, perdas e direitos são borradas. Segundo a percepção de Sereza (2020, p.209), noções de corpo e humanidade estão em constante negociação quando o assunto é a vida do sujeito, submetido ainda às regras do orientalismo.

o deslocamento forçado que resulta no refúgio é invariavelmente decorrente de práticas de violência experienciadas pelos refugiados; assim como as condições de moradores das ocupações é resultado de perversões e violências de Estado e de partes significativas da sociedade civil com essas pessoas. (Sereza, 2020, p.209)

Questões de local, descolamento e trajetórias de migração se encontram em outro aspecto que permeia a vida desses grupos: a lógica de fronteiras e de permissões e proteções legais. Di Cesare (2020) aponta as fronteiras dos Estados-nação como uma contra produção da vida, já que a tentativa, muitas vezes falha, de organizar, conter ou acolher os migrantes resulta em violência e desamparo, além do impedimento de ir e vir. Retomando brevemente uma perspectiva de Simmel (1983), essas figuras estrangeiras estão justamente atreladas a uma condição espacial que não é mais passageira - de alguém que chega e se vai ou retorna -, mas torna-se fixo e começa a fazer parte daquele novo local, que lhe dará direitos, permissões e negações, muitas vezes espaciais, como no caso das referidas fronteiras.

### 3. Protocolo metodológico de análise

A série estadunidense *Justiça Jovem: Forasteiros* insere em suas estratégias narrativas o “estrangeiro” enquanto aquele que invade os países do Norte sob a forma de alienígena ou o meta-humano<sup>2</sup>, muitas vezes no papel de antagonista. Nesse produto animado o foco da presente análise se dá na meta-humana *Halo*, que permitirá investigar como a animação

---

<sup>2</sup> Nomenclatura utilizada na série para descrever aqueles seres com algum tipo de poder/habilidade.

estabelece relações entre o corpo refugiado e sua jornada por acolhimento e proteção. *Justiça Jovem* traz as aventuras de uma nova geração de super-heróis posterior à conhecida Liga da Justiça. Entre eles, seres de outros planetas e humanos formam um time de adolescentes e jovens lutando para proteger a Terra de diversas ameaças. Na temporada analisada, o contexto central se dá no tráfico de meta-humanos e nos conflitos políticos entre duas nações fictícias, que acaba gerando o refúgio da personagem Halo.

Inicialmente, definiu-se um *corpus* de análise por meio de uma pesquisa exploratória orientada pelas lógicas de Bonin (2011), que recomenda que o objeto analisado seja separado em partes argumentativas que deem conta do contexto analisado e tenha elementos relevantes para a observação. Foram observados os 26 episódios da temporada, no idioma original, com legendas em português. Episódios estes disponíveis por meio do catálogo da HBOMax. Posteriormente, os 26 episódios foram reduzidos aos treze primeiros, identificados como parte mais coerente para a análise por trazer a narrativa focada em Halo. Após observação dos elementos mais recorrentes sobre a temática do refúgio na série, construiu-se, num segundo momento, três categorias analíticas, explicadas na Tabela 1.

**Tabela 1: categorias de análise**

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
A morte em aspectos espaciais	Relação do corpo migrante com elementos espaciais como território, fronteiras, jornada de deslocamento, trabalho e refúgio.
A morte pela violência física.	Relação do corpo migrante com a violência e a morte e a ritualização desses aspectos narrativos.
A morte como meio para o renascimento e a resistência.	Relação do corpo migrante com a ideia de proteção legal, negociação e transformação da imagem estereotipada.

**Fonte: os autores**

Para a imersão analítica proposta optou-se, num terceiro momento, pela Análise Crítica da Narrativa (ACN), de Luiz Gonzaga Motta (2013), pois entende-se que as recomendações do autor sobre modos de observação na narrativa também contemplam o olhar ao personagem nela inserido, oferecendo uma completude analítica mais ampla. A ACN permite separar a narrativa em três planos: (p.1) plano da expressão, no qual observa-

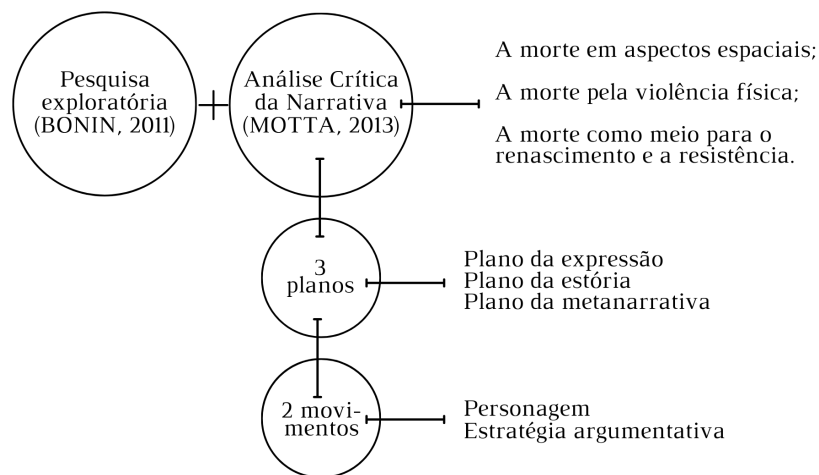


se principalmente aspectos relacionados à linguagem; (p.2) plano da estória, onde encontram-se aspectos da significação, do conteúdo e da intriga; (p.3) e plano da metanarrativa, a estrutura que envolve o imaginário cultural. Aqui, optou-se por sinalizar no texto, por meio das suas abreviações (p.1; p.2 e p.3), os três planos, identificando em qual deles se localiza a situação e o conteúdo exposto durante a análise.

Reconhecidos os planos narrativos no audiovisual, Motta (2013) indica movimentos específicos para a análise e, aqui, adota-se dois deles: adentrar a narrativa com foco no personagem para apreender os efeitos de sentido e as possibilidades da audiência em se identificar com o mesmo; e perceber as estratégias argumentativas utilizadas para construir as ideias e sentidos a serem passados. Esses movimentos orientam o olhar do pesquisador a respeito da instrumentalização do tema a ser investigado para o desenrolar da narrativa.

Por fim, a intencionalidade do texto surge nos desdobramentos finais de análise, reunindo efeitos do real (veracidade) e efeitos de sentido (comoção, identificação, dor, etc.). O processo analítico pode ser conferido no infográfico ilustrado na imagem 1.

**Imagem 1: Protocolo metodológico adotado**



**Fonte: os autores**

Assim, aproximando o método qualitativo da ACN aos mecanismos de representação já mencionados, pode-se então olhar para a narrativa ficcional como um produto de um contexto - cultural, político, histórico, etc. - que permite “analisar como as pessoas

compreendem, representam e constituem argumentativamente o mundo através dos atos de fala narrativos intersubjetivos” (Motta, 2013, p.129).

#### 4. O corpo migrante animado em *Justiça Jovem: Forasteiros*

A série *Justiça Jovem* segue uma fórmula recorrente em produções envolvendo os super-heróis da marca DC: insere seres alienígenas em histórias que se assemelham aos discursos sobre refugiados: aqueles que entram no território (ou planeta) vizinho, muitas vezes, representando uma ameaça à estabilidade econômica ou social, como figuras a serem combatidas ou salvas. Já em sua terceira temporada, *Forasteiros*, introduz Halo<sup>3</sup>, uma figura humana e terráquea que é declaradamente referenciada como refugiada.

##### 4.1 A morte em aspectos espaciais

*Forasteiros* contextualiza geograficamente duas nações fictícias: Qurac e Markóvia. Qurac é um país localizado no sul asiático cuja capital é Dhabar<sup>4</sup>, do qual Gabrielle Dou (que depois torna-se Halo) foge após ataques e invasão da nação inimiga Bialyia. Markóvia é uma nação independente que, no episódio 1, declara oficialmente estar aberta a receber os refugiados quracianos fugindo da guerra (p.2). Contudo, esse acolhimento muda quando os regentes de Markóvia são assassinados por rebeldes quracianos, o que faz o novo governante criar uma política de exclusão dos refugiados, denotando de início a fragilidade na categoria de direitos aplicados sobre esses indivíduos de acordo com o território que estão (p.3) (Di Cesare, 2020).

Pouco tempo antes do ocorrido, um flashback traz o momento no qual Halo tenta entrar legalmente no país vizinho, passando pelo processo de imigração (p.2). Na cena do episódio 6, Gabrielle é entrevistada pela autoridade da fronteira de forma pouco acolhedora, quando uma mulher fala, com semblante desconfiado, que ela pode entrar no país, apesar de “não saber os motivos exatos dessa autorização”, o que reflete uma dissonância entre a

---

<sup>3</sup> Pontua-se aqui que a versão animada de Halo indica uma tentativa de trazer mais pluralidade étnico-racial para o universo DC, já que originalmente a heroína criada por Mike W. Barr e Jim Aparo para os quadrinhos, em 1983, era loira e não tinha relação o contexto oriental muçulmano, por exemplo.

<sup>4</sup> Não é clara a localização geográfica exata de Qurac na série. No Google Maps, Dhabar é o nome de uma região localizada na Índia, próxima do Paquistão.

decisão do Estado e as instituições que são instruídas a receber esses refugiados. Sabendo que “a indocumentação é uma das situações mais presentes nos audiovisuais que tratam de refugiados” (Pontes, 2012, p.280), aqui tem-se uma primeira ruptura com os padrões de representação sobre a migração, já que Gabrielle entra de forma legal em Markóvia. Contudo, o fato de ser refugiada é o que parece mobilizar o argumento da entrevistadora na fronteira (p.3), já que a mobilidade e a fixidez, a suspeição e o perigo, estão subentendidas no imaginário sobre esse movimento migratório do oriental (Simmel, 1989; Said, 2013).

Assim, de acordo com Simmel (1989), o pertencimento do corpo estrangeiro está sempre relacionado ao local de onde vem. Sobre o local aonde chega, a condição de pertencer e ser aceito está atrelada à sua capacidade de ali ficar, constituir uma vida social, ainda que com menos direitos do que os nativos. Ser recebida com dúvida e estranhamento coloca sobre Halo a condição de não-pertencente. Ainda que esteja atravessando uma fronteira - literal e simbólica - há negociações necessárias para que sua nova vida possa ser validada (p.3).

Segundo Di Cesare (2020), a migração, a partir da visão do Estado, sempre está atrelada à chegada do “estranho”, do “intruso” ou “fora da lei”, que desestabiliza a própria noção de Estado-nação. Ademais, para Agamben (1995) o refugiado é esse resultado da insuficiência do Estado-nação como instituição moderna, “que se mostra incapaz de dar resposta a situações de alta complexidade provocadas pela nova realidade de uma humanidade nômade por múltiplos fatores” (Ruiz & Molina, 2022, p.9). Isso fica claro quando, ao sair do consulado, ela é interpelada por um markoviano que joga garrafas na garota e grita insultos xenofóbicos, dizendo que não quer quracianos no seu país (p.2). Ademais, sabe-se que

só há estigmatização com aquilo que lhe é diferente, desconhecido, estranho. Este relacionamento é analisado na ótica dos fenômenos culturais, definidos como conjunto de práticas e usos sociais e simbólicos que se transformam de acordo com o contexto histórico e de vínculos a outros conjuntos (Elhajji & Ávila, 2019, p.24)

Assim, ambas as cenas exploram a condição vulnerável da mulher refugiada, que já começa sua nova vida atravessada por preconceito, incertezas, insultos e violência contra seu corpo e sua identidade. Legalmente em Markóvia, Gabrielle vai trabalhar de serviçal em um palácio (p.2), sinal da subalternidade e dos espaços permitidos aos quais as mulheres refugiadas têm acesso no mundo do trabalho (Pontes, 2012). Contudo, é logo, no espaço de trabalho que uma segunda violência contra o corpo de Halo é mostrada, que ocorre em um

país supostamente acolhedor: Gabrielle é sequestrada durante uma invasão do palácio, utilizada em experiências genéticas e morta por pesquisadores da elite de Markóvia. Percebe-se nesse momento da trama que a autorização para morar em um país que recebe os refugiados não é estendida automaticamente à proteção no mesmo (p.3).

As duas representações iniciais sobre o corpo de Gabrielle a inserem na série, então, como um ser abjeto, distante de direitos e sensibilidades e marcado por meio do sofrimento e das dificuldades de integração.

essas representações frequentemente veiculam estereótipos negativos, que parecem justificar e reproduzir o lugar subalterno das mulheres migradas no contexto migratório. São alusões mais ou menos diretas a preconceitos de gênero, classe e “raça”, que contêm uma mensagem discriminatória tanto mais potente, quanto mais banalizada. (Pontes, 2012, p.306)

Os atravessamentos primários por meio da violência apontam para o elemento central da discussão, que é a conexão das imagens de morte e o corpo migrante. Após ser morta, Gabrielle é jogada em uma cova com outros quracianos, sendo enterrada por lacaios do atual regente de Markóvia. Importante ressaltar que o local dessas violências é uma capital ocidental, um lugar central e não periférico, onde seriam mais presentes as representações de refugiados (p.3). Para ElHajji e Ávila (2019, p.27-28) “São os refugiados, especialmente, hoje, que aproximam o sofrimento dos centros geopolíticos. Sem precisarem de testemunhos mediatizados eles estão ali, compartilhando e disputando espaços e memórias.”

Logo, em *Forasteiros*, a vida do refugiado causa fascínio e espanto já que “no jogo das representações no excessivo fluxo informacional as emoções definem aqueles que prenderam a atenção do público” (Elhajji & Ávila, 2019, p.26). Gabrielle acorda na cova onde foi jogada e o espectador percebe que a garota tem, entre outros poderes, o dom de voltar à vida, movimento ligado ao espectro que funciona como “um choque que simultaneamente atrai e repele o espectador” (Cholodenko, 2017, p.221).

Ela então é resgatada pelos heróis da série e levada para morar nos EUA, onde inicia seu treinamento como Halo (p.2). Lá, em seu segundo local de refúgio, percebe-se uma nova posição de vulnerabilidade, já que o fato de poder voltar à vida gera a morte de Halo repetidamente ao longo da primeira parte da temporada. A morte recorrente faz com que os espaços de acolhimento, sejam questionados e o sonho de refúgio, desfeito, principalmente quando Halo se vê mais vulnerável nos EUA e em Markóvia do que estava em meio aos conflitos e bombardeios de Quarac.

## 4.2 A morte pela violência física

Depois de inserida como uma das heroínas da série, Halo começa a ser parte das batalhas contra os antagonistas. São nesses momentos que se percebe uma ritualização da morte e violência no corpo migrante, já que as imagens da garota sendo agredida são recorrentes (p.1).

O fato de ter poderes regenerativos faz com que ela seja assassinada várias vezes de maneiras brutais e gratuitas, sem a menor justificativa narrativa além de gatilho para o desenvolvimento emocional de outros personagens ao redor, geralmente masculinos (Costa & Ribeiro, 2020, p.243)

Por meio de cenas repletas de sangue e violência, percebe-se, uma tentativa da animação de explorar o aspecto gore e chocante como elementos narrativos que instigam emoções (p.1). Devido ao seu distanciamento da realidade, a animação permite que as imagens de morte exploradas pela série apareçam de modo a naturalizar esteticamente cenas de forte cunho violento, criando uma tanatografia - uma escrita da morte (Cholodenko, 2004) sobre o corpo migrante (p.1) (p.3). Ressalta-se que, para Hall (2015), as imagens não significam por conta própria, mas ganham um significado no contexto em que são produzidas e apresentadas, mobilizando medos, ansiedades e desejos no processo de produção de sentidos.

Ao longo de 13 episódios, nos embates com vilões, Halo é queimada viva, espancada, atravessada por lanças e outros objetos cortantes. Seu sangue toma conta da tela e chama atenção em um cenário que destoa do modo como os outros heróis são tratados em cena (p.1), com menores recorrências de violência. Di Cesare (2020) alerta para o fato de que o refugiado é visto como alguém a ser combatido, negado, e Halo incorpora esse alvo ao colocar sempre à prova seu corpo migrante que pode se recuperar e passar do inanimado ao animado em segundos (p.1). Com isso, Cholodenko (2017, p.226) relembra que a morte não é sempre imóvel, é uma morte-vida, “vida ‘imóvel’, ‘ainda’ é vida”, fato ilustrado de maneira acentuada nas vezes em que Halo acorda ainda com seu corpo queimado, parcialmente desfigurado ou sangrando, por exemplo, e volta a se movimentar, acompanhada de efeitos sonoros que denotam espanto (p.1).

Essas emoções que são atreladas à morte-vida de Halo fazem parte das discussões de ElHajji e Escudero (2017), ElHajji e Ávila (2019) e ElHajji e Paraguassu (2022) quando os autores observam as representações midiáticas dos migrantes usadas a fim de provocar

comoções que inspirem empatia. Comoção e medo, por meio das violências estéticas que aparecem em cena podem, então, servir como uma espécie de ponte que tenta conectar o “outro” refugiado ao residente, de maneira a naturalizá-lo pelas suas semelhanças. Para Di Cesare (2020), a violência contra o corpo migrante é uma forma de lembrá-lo que, mesmo em seu novo lugar de habitação, a sua condição de estrangeiro, de não-pertencente, vai ser reiterada por meio da hostilidade daqueles que a observam nesse novo lugar.

Quanto mais vezes Halo morre, tantas vezes ela volta a vida para surpreender quem acompanha esse fenômeno. A matabilidade de sua vida nua (Agamben, 2013) aparece em um corpo que, após ser morto, retorna para espantar. Cholodenko (2004, p.109) diz que “Somos confrontados com o retorno de fantasmas, de espectros, cujo assombro sobre nós mesmos achamos que tinha acabado”. Assim, o corpo que assombra na animação é o corpo ao mesmo tempo vivo e morto, sendo um corpo estrangeiro e um corpo estranho, cujas situações de morte nunca permitem tempo para que o luto a ele seja feito (Cholodenko, 2004).

A ritualização da morte de Halo levanta o questionamento a respeito da ameaça a ser combatida por meio da violência, tão comum em narrativas de super-heróis quando endereçada aos vilões. Agamben (2013) fala de vidas matáveis e indica que o que é mais alarmante é que a vida nua pode vir a ser hoje a vida de qualquer um quando se torna um perigo para o poder, se assim for determinado pela vontade soberana. Halo, então, é a ameaça maior à hegemonia dos vilões da temporada, tendo assim respostas tão abruptas à sua existência. A vida da garota parece estar abandonada à pura violência. Uma vida cujo corpo pertence a um lugar comum do anonimato dos não cidadãos, sempre que é morto violentamente.

### **4.3 A morte como meio para o renascimento e a resistência**

Por fim, não é sensato aqui apontar apenas o que é acionado contra o corpo migrante de Halo na série, mas também ressaltar como ela reage ao que lhe é feito. Halo também transforma o discurso que produz seu lugar enquanto sujeito na representação. Afinal, nenhum sentido é fixo, mas sim construído e em constante mutação (Hall, 2016). Ao voltar da morte, Halo traz consigo um corpo que resiste à negação da sua existência e provoca questionamentos sobre o limite de seus poderes (p.2). Conforme vai ficando mais forte e despertando novos poderes, vai reduzindo a matabilidade de sua vida (Agamben, 2013). Seus poderes vão além da regeneração e retorno à vida, muitas vezes sendo a chave para salvar e

proteger aqueles que, à sua maneira, a acolheram. ElHajji e Ávila (2019, p.13) comentam que o “imigrante parece um ser distante, normalmente ligado à pobreza e uma subalternidade da raça que evoca a piedade daqueles que observam, à distância, o sofrimento alheio”. Contudo, a jornada de Halo que começa com vulnerabilidade, se torna um caminho de força e adaptabilidade (p.2).

Logo, a reação de Halo ao endereçamento violento que sofre é a de força e resistência, corroborando com a narrativa da superação, que faz parte dos elementos mais comuns que circulam simbolicamente na construção da ideia de refugiado contemporânea (Elhajji & Ávila, 2019). A garota não se deixa abater e não aceita seu papel de vítima. Ainda que, cercada de dispositivos que trazem limitações à sua nova vivência - como o uso do hijab sempre questionado; limitações com o idioma novo e lapsos de memória -, há constantes negociações entre o que é esperado de Halo e seu modo de agir (p.3). Ela rompe com a imagem do muçulmano violento, terrorista, descontrolado ou irracionalmente zangado (CHOUDRY & Habib, 2019; Said, 2007), e oferece aos outros o acolhimento e proteção que não é dado a ela (p.2). A convivência com as identidades locais opera como uma ferramenta que começa a acionar a proximidade pela igualdade ao invés da diferença (Elhajji & Ávila, 2019). Assim, ela constrói um novo caminho quando, narrativamente

é inserida nas relações sociais como uma igual, começando um namoro e criando laços com personagem de igual ou menor presença em cena que ela. Ela se mostra livre de preconceitos e quando beija outra garota lida com isso naturalmente. [...] as nuances da identidade da personagem transitam no mesmo corpo (Costa & Ribeiro, 2020, p.244).

Assim, na contramão da perspectiva orientalista recorrente, Halo é uma personagem que oferece a partir de si uma gama de interpretações profundas sobre o corpo migrante. Como já mencionado, ela renasce. Se transforma. Morre e volta à vida cada vez mais forte, como um sinal de resistência e de complexidade. Em contramão ainda à ideia de que o Oriente buscaria a corrupção e extinção dos valores e ideias do mundo ocidental (Said, 2007), escolhe para si um novo nome, Violet Harper, que faz mais sentido na sua vivência nos EUA e decide frequentar a escola, se adaptar à cultura quando necessário, sem abrir mão do seu hijab e das suas próprias crenças, mas criando uma vivência com base na coexistência e no respeito (p.2).

Quando se observa os poderes de Halo (p.2), dois pontos se acentuam na análise realizada. Um é um recorrente discurso orientalista que é adaptado a favor de Halo: a ideia de misticismo, mistério e exotividade que permeia os povos orientais (Said, 2007), e, na série,

se reflete na incompreensão dos outros personagens e da própria Halo sobre a origem, os limites e o potencial dos seus poderes. Ainda que incompreensíveis, eles despertam na hora certa e cumprem papel essencial para a resolução narrativa. Associado a essas percepções, soma-se também o fato de a lógica do trauma do refugiado se aplicar à garota de maneira a potencializar sua vivência ao invés de causar-lhe malefícios. O desenvolvimento de seus poderes, que a fortalecem e tornam seu corpo, conforme a narrativa avança, a torna cada vez mais difícil de ser morta (p.2). Fazendo paralelos com a perspectiva de ElHajji e Ávila (2019) sobre o trauma dos refugiados, percebe-se que Halo expressa o seu de maneira útil para o desenrolar da narrativa e de sua evolução e adaptação ao cenário conturbado. Para os autores, o trauma do refugiado funciona como “um acontecimento externo que reside no inconsciente, o organismo potencializa forças [internas] de defesa daquilo que estava recalado culminando em um afloramento do consciente manifestado por alterações de percepções no corpo” (Elhajji & Ávila, 2019, p.23), assim como os poderes de Halo que vêm desabrochando a cada novo desafio e a deixando mais resistente e consciente do seu papel como heroína (p.2).

### **Considerações finais**

O presente artigo é uma tentativa de dar início à discussão sobre representação de imigrantes e refugiados nos estudos da Comunicação por meio de textos audiovisuais ficcionais animados. Sabe-se que, nesse cenário, o contexto de produção não pode ser ignorado a série analisada é produzida sob um viés ocidental e estadunidense. Esse olhar do Ocidente que narra o Oriente já é um ponto chave quando pensamos na instrumentalização da violência contra o corpo refugiado analisado aqui.

Cumprindo o objetivo de entender como se articula a relação entre corpo e morte na figura refugiada de Halo, percebeu-se que a centralidade desses dois elementos atrelados a uma figura tão emblemática e importante quando Halo, a tentativa de *Justiça Jovem* em inserir sua primeira personagem muçulmana migrante se dá de forma preocupante. Nela, a linguagem animada constitui um duplo papel de representação: do corpo vivo ao imóvel. Do íntegro ao incendiado. Tudo isso com estéticas que instigam o choque, a violência sistematizada e a desumanização do corpo migrante. Esse fato pode estar ainda ligado a uma tentativa de amadurecer a série por meio da violência explícita, já que seu público alvo é o jovem/adulto.



Entre os planos narrativos nos quais toda essa construção se desenvolve, percebeu-se que o plano da estória (p.2) tem evidência maior, ou seja: por meio das argumentações narrativas, diálogos e roteiro. No plano da linguagem, pontuou-se as expressões mais fortes de violência contra o corpo migrante, acentuadas pela possibilidade estética e sonora de expressar espanto, dor, comoção, etc., além do uso recorrente de imagens de sangue. Já o plano da metanarrativa (p.3), assim como o plano da estória, trouxe questionamentos, conceitos consolidados e rupturas e resistências com a imagem recorrente do corpo oriental migrante.

Pontua-se, então, que o âmbito representacional é passível de rompimentos e novas imagens que, vez ou outra, se misturam com os estereótipos recorrentes e tentam fazer frente a discursos já consolidados. Halo é, nesse sentido, um elemento de resistência que supera o que acontece com seu corpo na série e é posicionada também como uma heroína forte, importante para a história e com centralidade narrativa. Ressalta-se, por fim, que tradição e religiosidade são elementos que permeiam também a personagem e suas facetas identitárias mutáveis, contudo, dado o recorte da pesquisa e o material encontrado anteriormente que tratava do tema, escolheu-se aqui não inserir esses elementos na análise.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. Política do exílio. In: DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando. **Temas de Filosofia Política Contemporânea**, Porto Alegre: Fi, p. 33-51, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Zahar. Rio de Janeiro. 1999.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2. ed. Porto Alegre: Sulina. p. 19-42, 2011.

CASTRO, Martins de; JOHN, Valquíria Michela. “O meu nome é Dalila”: possíveis intersecções entre as figuras da vilã de telenovela e do Outro oriental em “Órfãos da Terra” (2019). **Revista brasileira de estudos da Homocultura**, v. 06, n. 21, 2023. Disponível em: <

CHOLODENKO, Alan. A animação do cinema. **Galáxia**, v.1, n. 34, p. 20-54, 2017.

CHOLODENKO, Alan. A fotografia imóvel. **Lumia**, v. 11, n. 3, p. 215-236, set./dez. 2017.

CHOLODENKO, Alan. The crypt of cinema. **Cultural studies review**, Melbourne. V.10, n.2, p. 99-113, 2004.

CHOUDRY, S; HABIB, S. **The Riz test**. (2019). Disponível em: <<https://www.riztest.com/>>. Acesso em: 1 dez. 2023.

COGO, Denise. Comunicação, migrações e gênero: Famílias transnacionais, ativismo e TICs. In: **37º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Foz do Iguaçu. Anais eletrônicos, 2014.

COSTA, Leonardo José; RIBEIRO, Regiane Regina. As vidas descartáveis de Halo. In: BAPTISTA, Maria Manuel; ALMEIDA, Alexandre Rodolfo Alves (Eds.). **Performatividades de Gênero na Democracia Ameaçada**. Coimbra: Gráfico Editor, p. 237-245, 2020.

DENIS, Sébastien. **O cinema de animação**. Lisboa: Texto e Grafia, 2010.

DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros Residentes: Uma filosofia da migração**. Belo Horizonte: Áyiné, 2020.

DUARTE, Pedro Russi. A diáspora uruguaia nas interações comunicacionais e midiáticas de migrantes no sul do Brasil. Resgate: **Revista Interdisciplinar de Cultura**, v.10, n.14, p.109-118, 2005.

ELHAJJI; Mohammed; ÁVILA, Otávio Cezarinni. A autobiografia dos que não narram e a solidariedade aos migrantes em tempos de copa do mundo. **Metaxy**, v.2, n.1, p.12-30, 2019.

ELHAJJI; Mohammed; ESCUDERO, Camila. A contribuição da comunicação para os estudos migratórios. **Revista Latino Americana de Ciencias de la Comunicación**, v.14, n.26, p.176-190, 2017.

ELHAJJI; Mohammed; PARAGUASSU. Os refugiados e os Jogos Olímpicos: a representação midiática da iniciativa de inclusão nos Jogos de Tóquio 2020. **Extraprensa**, v. 15, n. 2, p. 127-145, 2022.

FERNANDES, Patrícia Pimenta. **Diáspora na rede: redes sociais e questões identitárias de migrantes haitianos no Brasil**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, 2015. Disponível em <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/3870>>. Acesso em 10 dez. 2023.

GAYOSO, Celso Francisco. **Espaços latino-americanos: comunicação, interculturalidade e cidades da fronteira Brasil-Bolívia**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <<https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000819022>>. Acesso em 10 dez. 2023.

GUIMARÃES, Maristela Abadia. **O 'eu' confronta o 'outro':** o que (re)velam as manifestações de brasileiros sobre haitianos nas mídias e redes sociais digitais. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, 2017. Disponível em <<https://ri.ufmt.br/handle/1/1887>>. Acesso em 10 dez. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

METZ, Christian. **A significação no cinema.** São Paulo: Perspectiva, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Editora UNB, 2013.

PONTES, Luciana. A representação audiovisual das mulheres migradas. **Cadernos Pagu**, n.1, v. 39, p. 273-311, 2012.

RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé; MOLINA; Carolina Reyes. Os refugiados, uma vida cindida entre o humano e o cidadão - Um diálogo com Giorgio Agamben. **Interthesis**, v. 19, p. 01-23, 2022.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. Editora Companhia das Letras, 2007.

SEREZA, Luiz Carlos. Era o Hotel Cambridge. Arte, violência e refúgio. In: KAMINSKI, Rosane; Honesco, Vinícius; SEREZA, Luiz Carlos (org.) **Arte e violência.** São Paulo: Intermeios, 2020.

SIMMEL, G. O estrangeiro. In: MORAES FILHO. E. (Org.). **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

VIEIRA, Maricheli de Alameida; BRIGNOL; Luciane Dutra; CURI; Guilherme de Oliveira. A recepção da telenovela Órfãos da Terra: entre a interculturalidade e a manutenção de estereótipos na representação de identidades migrantes. **Revista Comunicação e Sociedade**, v. 43, n. 3, p. 137-167, 2021.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma in-trodução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença.** A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, p. 7-67, 2014.

## BIOGRAFIA DOS AUTORES

### LEONARDO COSTA

Doutorando e Mestre em Comunicação do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Ficção Seriada e Audiovisualidades (NEFICS).

*E-mail de contato:* [leojcosta@outlook.com](mailto:leojcosta@outlook.com)

### REGIANE RIBEIRO

Orientadora e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCom/UFPR); doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Ficção Seriada e Audiovisualidades (NEFICS).

*E-mail de contato:* [regianeribeiro5@gmail.com](mailto:regianeribeiro5@gmail.com)